

DO ISOLAMENTO À CONEXÃO: REFLEXÕES SOBRE O SUICÍDIO EM O PORCO-ESPINHO NA PERSPECTIVA DE CARL ROGERS

FROM ISOLATION TO CONNECTION: REFLECTIONS ON SUICIDE IN THE HEDGEHOG FROM CARL ROGERS' PERSPECTIVE

DEL AISLAMIENTO A LA CONEXIÓN: REFLEXIONES SOBRE EL SUICIDIO EN EL PUERCOESPÍN DESDE LA PERSPECTIVA DE CARL ROGERS

Maria Eduarda Baron¹

Camili Lassolli²

Camilly Thaís Sansão³

Luzia de Miranda Meurer⁴

RESUMO: O presente artigo analisa as representações do suicídio no filme *O Porco Espinho* (2009) com base na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers. O estudo teve como objetivo analisar como o suicídio é representado no filme *O Porco Espinho* e identificar, segundo a Abordagem Centrada na Pessoa, os fatores subjetivos que permeiam essa temática. A pesquisa, de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, utilizou a análise filmica de cenas selecionadas do filme com base em critérios temáticos relacionados à experiência subjetiva e às condições facilitadoras da ACP. Os resultados indicam que o isolamento afetivo e a ausência de reconhecimento contribuem para o agravamento do sofrimento, enquanto relações pautadas por empatia, aceitação positiva incondicional e congruência favorecem a abertura experiencial e ressignificação do sentido de vida. Observa-se que o vínculo estabelecido entre Paloma, Renée e Kakuro mobiliza transformações emocionais significativas, reduzindo o risco de autodestruição. Conclui-se que a ACP oferece subsídios importantes para a compreensão do sofrimento psíquico e que o cinema constitui um recurso potente para promover a sensibilização e reflexão no âmbito da psicologia.

Palavras-chave: Suicídio. Psicologia Humanista. Abordagem Centrada na Pessoa.

ABSTRACT: This article analyzes representations of suicide in the 2009 film *The Hedgehog* through the lens of Carl Rogers' person-centered approach (PCA). The study aimed to examine how suicide is represented in the movie *O Porco Espinho* (*The Porcupine*) and to identify, according to the Person-Centered Approach, the subjective factors that influence this theme. It emphasizes the importance of authentic relationships and empathy in suicide prevention. The qualitative, exploratory, descriptive study employed film analysis of selected scenes based on thematic criteria related to subjective experience and PCA facilitative conditions. The results suggest that emotional isolation and a lack of recognition can intensify psychological distress. Whereas relationships grounded in empathy, unconditional positive regard, and congruence can foster experiential openness and redefine the meaning of life. The bond formed between Paloma, Renée, and Kakuro sparks significant emotional growth, mitigating the risk of self-destructive behavior. This study concludes that the PCA provides valuable theoretical support for understanding psychic suffering and that cinema is a powerful tool for promoting awareness and reflection in psychology.

Keywords: Suicide. Humanistic Psychology. Person-Centered Approach.

¹Graduanda em Psicologia, Centro Universitário da Fundação Educacional de Brusque - UNIFEBE.

²Graduanda em Psicologia, Centro Universitário da Fundação Educacional de Brusque - UNIFEBE.

³Graduanda em Psicologia, Centro Universitário da Fundação Educacional de Brusque - UNIFEBE.

⁴Graduada em Psicologia e Mestre em Educação. Centro Universitário da Fundação Educacional de Brusque - UNIFEBE.

RESUMEN: El presente artículo analiza las representaciones del suicidio en la película *El Puercoespín* (2009) desde el Enfoque Centrado en la Persona (ECP) de Carl Rogers. El estudio tuvo como objetivo comprender los factores subjetivos asociados al sufrimiento suicida e identificar la manifestación de los conceptos rogerianos a lo largo de la narrativa, destacando el papel de los vínculos auténticos y de la empatía en la prevención. La investigación, de naturaleza cualitativa, exploratoria y descriptiva, empleó el análisis filmico de escenas seleccionadas con base en criterios temáticos relacionados con la experiencia subjetiva y las condiciones facilitadoras del ECP. Los resultados indican que el aislamiento afectivo y la falta de reconocimiento contribuyen a agravar el sufrimiento, mientras que las relaciones basadas en la empatía, la aceptación positiva incondicional y la congruencia favorecen la apertura experiencial y la resignificación del sentido de vida. Se observa que el vínculo desarrollado entre Paloma, Renée y Kakuro moviliza transformaciones emocionales significativas, reduciendo el riesgo de autodestrucción. Se concluye que el ECP ofrece aportes relevantes para comprender el sufrimiento psíquico y que el cine constituye un recurso potente para promover sensibilización y reflexión en el ámbito de la psicología.

Palabras clave: Suicidio. Psicología Humanista. Enfoque Centrado en la Persona.

I INTRODUÇÃO

A temática do suicídio, historicamente permeada por tabus e estigmas, tem despertado crescente atenção nas últimas décadas por se configurar como um grave problema de saúde pública. A Organização Mundial da Saúde estima que cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio anualmente, sendo esta uma das principais causas de morte entre jovens e adolescentes (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2014). Esse cenário evidencia a necessidade de a Psicologia e de áreas afins aprofundarem a reflexão sobre os múltiplos fatores que envolvem o fenômeno, considerando as dimensões sociais, culturais, emocionais e existenciais que atravessam a experiência suicida (FUKUMITSU KO, 2014).

No campo psicológico, diferentes abordagens têm buscado compreender o sofrimento associado ao suicídio e desenvolver formas de cuidado mais sensíveis às necessidades humanas. Entre essas perspectivas, destaca-se a Psicologia Humanista, especialmente a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) desenvolvida por Carl Rogers, que valoriza a singularidade da experiência vivida e a compreensão integral do indivíduo (ROGERS CR, 2017). Ao contrário de modelos que reduzem a crise a categorias diagnósticas, a ACP reconhece que a dor psíquica está intimamente ligada ao isolamento, às perdas e à ausência de sentido, elementos frequentemente presentes nas trajetórias de pessoas em sofrimento profundo (ROCHA MAS, et al., 2012).

Para sustentar a análise proposta neste estudo, é necessário explicitar alguns conceitos fundamentais da ACP. A tendência atualizante refere-se à capacidade inerente de crescimento

e construção de significado mesmo diante de situações adversas (ROGERS CR, 2017). As condições facilitadoras, como compreensão empática, aceitação positiva incondicional e congruência, constituem a base relacional que possibilita a formação de vínculos autênticos e a abertura para a ressignificação da dor (ROGERS CR, 1977 e ROGERS CR, 2001). Conceitos como vínculo afetivo, sofrimento suicida e experiência subjetiva também são centrais, pois orientam a compreensão do percurso emocional da protagonista do filme analisado e permitem identificar como os elementos relacionais podem favorecer a transformação de sua vivência.

Nesse contexto, o cinema tem se mostrado um importante recurso pedagógico e reflexivo na psicologia, pois permite a representação sensível de conflitos existenciais, relações humanas e processos emocionais complexos. Narrativas cinematográficas, como a do filme *O Porco Espinho* (2009), possibilitam a visualização de sentimentos como vazio e solidão, a construção de vínculos e os movimentos de ressignificação, ampliando o entendimento fenomenológico dos dilemas humanos (CRUZ CA, et al., 2020). A análise de obras fílmicas favorece o diálogo entre teoria e experiência estética, contribuindo para uma aproximação mais empática e crítica ao tema do suicídio.

Considerando esses elementos, examinar as representações do suicídio por meio da ACP permite refletir sobre a importância das relações de cuidado e das condições facilitadoras na construção de espaços de acolhimento. A presença empática, a aceitação positiva incondicional e a autenticidade são fundamentais para que os indivíduos em crise experimentem reconhecimento e legitimidade de seus sentimentos. Nesse sentido, a análise fílmica vai além da dimensão estética e se configura como um instrumento capaz de articular arte, psicologia e sociedade.

Além da relevância teórica, a pesquisa tem importância social, pois contribui para a desconstrução de estigmas e para o fortalecimento de práticas de prevenção ao suicídio. Experiências de perda, luto e sofrimento, quando acompanhadas de apoio significativo, podem favorecer processos de reconstrução subjetiva e de expansão de sentido (PAIDOUSSIS-MITCHELL C, 2025). Dessa forma, o presente estudo busca dialogar com a literatura humanista e com a narrativa cinematográfica, visando oferecer subsídios para a compreensão e a intervenção no sofrimento suicida.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como o suicídio é representado no filme *O Porco Espinho* e identificar, segundo a Abordagem Centrada na Pessoa, os fatores subjetivos que permeiam essa temática. Como objetivos específicos, busca-se identificar elementos da

narrativa que dialoguem com os conceitos centrais da ACP; refletir sobre a relação entre vínculo, empatia e percepção de valor pessoal na experiência da protagonista; e discutir o papel do cinema como recurso que favorece o diálogo sobre prevenção do suicídio na psicologia.

Para uma melhor compreensão do percurso analítico, este estudo está estruturado em cinco seções. A Introdução apresenta o problema de pesquisa, os objetivos, a justificativa e os conceitos essenciais que embasam a investigação. A seção de “Fundamentação Teórica” discute o suicídio como um fenômeno multifacetado, os princípios da ACP e as contribuições humanistas relacionadas ao sofrimento e à prevenção. A seção dos “Procedimentos Metodológicos” descreve a natureza qualitativa da pesquisa e os critérios adotados na análise filmica. A seção “Análise dos Resultados” articula cenas do filme com os conceitos rogerianos, evidenciando como a narrativa expressa processos de dor, vínculo e transformação. Por fim, as “Considerações Finais” sintetizam as contribuições do estudo e apontam possibilidades para pesquisas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O SUICÍDIO COMO FENÔMENO MULTIFACETADO

O suicídio é um fenômeno complexo, historicamente permeado por estigmas, interpretações morais e religiosas e fortemente influenciado por fatores sociais, culturais, psicológicos e existenciais. Sua compreensão requer uma abordagem interdisciplinar que vá além das estatísticas, considerando o significado subjetivo atribuído ao ato por quem o comete ou o idealiza. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), trata-se de um grave problema de saúde pública, responsável por aproximadamente 800 mil mortes por ano em todo o mundo, com índices elevados entre adolescentes e jovens adultos (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2014; FUKUMITSU KO, 2014).

Desde a Antiguidade, a morte voluntária foi interpretada sob perspectivas religiosas e morais, muitas vezes associadas à condenação ou ao estigma. Essa visão reducionista contribui para silenciar o sofrimento de indivíduos em crise, dificultando a construção de um olhar mais empático e científico sobre o tema. Atualmente, reconhece-se que a compreensão do suicídio exige uma abordagem interdisciplinar, contemplando tanto os aspectos individuais quanto os coletivos (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2014).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio representa um grave problema de saúde pública, responsável por mais de 800 mil mortes anuais em todo o

mundo. No Brasil, observou-se um aumento de 43% nas taxas entre 2010 e 2019, com destaque para adolescentes e jovens adultos, que se configuraram como um dos grupos mais vulneráveis (FUKUMITSU KO, 2014). Essas estatísticas evidenciam a necessidade de estratégias de prevenção que não se limitem ao campo biomédico, mas também considerem aspectos sociais e psicológicos, reconhecendo a natureza multifatorial do fenômeno (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2014).

A literatura científica aponta que o suicídio não pode ser explicado por uma única causa. Trata-se do resultado de uma complexa interação entre fatores biológicos, socioeconômicos, culturais e psíquicos, influenciados pelas condições de vida e pelas redes de apoio ou pela sua ausência. Nessa perspectiva, é fundamental analisá-lo como produto de uma teia de relações e significados que se articulam de maneira singular em cada sujeito. Dessa forma, compreender a experiência suicida exige ir além de reducionismos e adotar modelos integrativos (ROCHA MAS, et al., 2012).

Do ponto de vista humanista e fenomenológico, a experiência do suicídio pode ser compreendida como uma vivência de aniquilamento existencial. Caracteriza-se pela sensação de vazio, de perda de sentido e de desconexão com o mundo, elementos que se sobrepõem à dor psíquica e ao sofrimento social. Dessa forma, a fenomenologia da existência sugere que essas experiências só podem ser compreendidas, considerando-se sua interdependência com o contexto de vida, ou seja, como fenômenos mundanos que expressam o modo como o sujeito se relaciona com sua realidade. Essa compreensão amplia o horizonte de cuidado e possibilita intervenções mais humanizadas (ROCHA MAS, et al., 2012).

A Psicologia Humanista, por sua vez, emergiu como a "terceira força" no campo da psicologia e fundamenta-se na valorização da experiência subjetiva e na crença no potencial de autorrealização do sujeito. Nessa perspectiva, Rogers CR (2017) defende que todo indivíduo possui uma tendência atualizante, entendida como uma força inerente ao crescimento, ao desenvolvimento e à busca de sentido. No contexto do suicídio, essa perspectiva compreende a crise não como uma mera patologia, mas como um impasse existencial passível de ressignificação por meio de relações autênticas e acolhedoras. Dessa forma, a ACP se destaca por priorizar o cuidado integral e humanizado do ser humano (ROGERS CR, 2017).

Na prática clínica, a ACP estabelece três condições essenciais para a mudança terapêutica: compreensão empática, aceitação positiva incondicional e congruência. Essas condições são especialmente relevantes no atendimento a pessoas em crise suicida, que muitas

vezes se sentem invalidadas, solitárias e sem reconhecimento. Quando o psicoterapeuta adota essa postura, abre-se espaço para que o cliente se perceba novamente como um sujeito de valor e de possibilidades. Dessa forma, o vínculo psicoterapêutico torna-se um fator protetivo contra o desamparo (ROGERS CR, 1977; FONSECA EFM e LÔBO WL, 2015).

O olhar fenomenológico presente na Psicologia Humanista também contribui para compreender o suicídio como expressão da existência. Em vez de enquadrar a experiência em categorias previamente definidas, busca-se compreender como o indivíduo vivencia sua dor, reconhecer a singularidade de sua trajetória. Os autores apontam que a crise suicida pode ser entendida não só como ruptura, mas também como possibilidade de reconstrução de sentidos, desde que haja um espaço psicoterapêutico de acolhimento. Esse reconhecimento da subjetividade é essencial para prevenir práticas de cuidado despersonalizadas (CRUZ CA, et al., 2020).

Além disso, a ACP contrapõe-se a visões patologizantes ao sustentar que o sofrimento não deve ser imediatamente eliminado, e sim compreendido e integrado à experiência da pessoa. Essa concepção implica o reconhecimento da dor, mesmo que devastadora, que pode abrir caminhos para transformações significativas quando vivenciada em um ambiente de aceitação e respeito. A noção de congruência, nesse sentido, favorece a transparência e a autenticidade na relação, permitindo que o cliente se reconecte com sua própria experiência de maneira mais genuína (ROGERS CR, 2001).

Dessa forma, a perspectiva rogeriana destaca que a prevenção ao suicídio deve considerar a criação de condições facilitadoras que devolvam ao indivíduo a confiança em sua capacidade de viver e se desenvolver. Em vez de impor soluções externas, o terapeuta busca oferecer presença e compreensão, elementos que podem reavivar a tendência atualizante. Assim sendo, a ACP contribui de maneira singular para o campo da psicologia ao tratar o suicídio com empatia, profundidade e respeito à singularidade humana (ROCHA MAS, et al., 2012).

2.2 CARL ROGERS E AS CONDIÇÕES FACILITADORAS

Rogers CR (2017) destacou que a congruência, a aceitação positiva incondicional e a compreensão empática constituem os pilares da relação terapêutica genuína. Essas condições, chamadas de “facilitadoras”, criam um clima psicológico no qual o cliente se sente validado e capaz de explorar sua própria experiência de forma autêntica. No contexto do suicídio, esse ambiente relacional é fundamental para reduzir os sentimentos de isolamento e desesperança,

fazendo com que o indivíduo se perceba novamente como alguém que merece atenção e cuidado. Assim sendo, a relação se torna não apenas psicoterapêutica, mas também vital (ROGERS CR, 2017).

Nesse sentido, congruência é a autenticidade do terapeuta, que não deve adotar máscaras ou papéis artificiais, mas se mostrar genuíno na interação. A transparência cria confiança, pois o cliente reconhece a presença real do outro. Em situações de crise suicida, essa postura rompe com o distanciamento clínico tradicional e favorece o surgimento de um vínculo no qual o indivíduo se sente visto e reconhecido em sua humanidade. Rogers CR (1977) afirma que a congruência é a base para a construção de relações de confiança profundas.

Já a aceitação positiva incondicional, conforme Rogers CR (2001), consiste em acolher o cliente sem julgamentos, respeitando sua dignidade independentemente de seus comportamentos ou pensamentos. No caso de pessoas em risco de suicídio, essa condição é essencial para desestruturar o estigma frequentemente associado ao sofrimento psíquico. Quando se sente plenamente aceito, o indivíduo pode reduzir a autocrítica e a sensação de inadequação, abrindo espaço para reconstruir seu sentido de vida. Rogers CR (2001) enfatiza o acolhimento incondicional como uma forma de transformação.

Além disso, a compreensão empática implica a capacidade de compreender a experiência interna do cliente como se fosse a do próprio terapeuta, sem perder a perspectiva de alteridade. Isso possibilita que o indivíduo em sofrimento suicida se sinta verdadeiramente compreendido, diminuindo sua solidão existencial. Nesse contexto, Fonseca EFM e Lôbo WL (2015) ressaltam que a escuta empática, quando aplicada a pessoas em crise, não apenas valida sua dor, mas também fortalece sua percepção de valor próprio. Dessa forma, a empatia se torna uma ferramenta de cuidado e prevenção.

Quando integradas, essas três condições facilitadoras favorecem a ativação da tendência atualizante, conceito central na teoria de Rogers, que diz respeito à capacidade inerente do ser humano de buscar crescimento e realização. Na clínica do suicídio, essa integração pode ser decisiva para que o indivíduo encontre novas perspectivas de existência e se reconecte com a vida. Conforme Rogers CR (2017) e Cruz CA, et al. (2020), o acolhimento humanista não apenas cria um espaço psicoterapêutico, mas uma oportunidade de ressignificação existencial.

2.3 SENTIDO DA VIDA, PERDA E PREVENÇÃO

O trabalho preventivo com o suicídio, sob a perspectiva humanista-existencial, dialoga

com a noção de sentido proposta por Frankl VE (2015). De acordo com ele, a falta de significado existencial é uma das principais fontes de sofrimento contemporâneo. Nesse sentido, a superação desse vazio ocorre por meio da transformação da visão de mundo do indivíduo e do estabelecimento de novos vínculos, destacando o papel das relações humanas como promotoras de ressignificação, um conceito central na ACP (FONSECA EFM e LÔBO Wl, 2015).

Nesse viés, de acordo com Rogers CR (2017), o enfoque humanista comprehende que o sofrimento emerge quando a experiência vivida não encontra espaço de aceitação e ressonância no outro. Dessa maneira, a prevenção consiste em oferecer uma relação terapêutica baseada na compreensão empática, na aceitação incondicional e na autenticidade, condições que favorecem a reconexão do indivíduo consigo mesmo e com seu potencial de atualização.

Diante disso, May R (1986) comprehende a angústia como um fenômeno ontológico que emerge da consciência de que a existência pode ser destruída e de que se está constantemente diante da possibilidade de perda do próprio ser e do mundo. Essa condição está intrinsecamente ligada à liberdade e à responsabilidade de escolher, tornando a angústia inevitável no existir humano. Nesse horizonte, ter coragem de ser não significa eliminar a angústia, mas enfrentá-la como parte constitutiva da vida, abrindo espaço para o crescimento. Sob essa perspectiva, a perda e o luto podem ser entendidos não como patologias, mas como expressões da condição humana. Quando acolhidos em sua inteireza, tornam-se ocasiões de transformação e ressignificação da existência (PONTE CRS, 2013).

Lidar com a dor e com o luto, como proposto por Paidoussis-Mitchell C (2025), envolve reconhecer a perda, seja ela concreta ou simbólica, e reconstruir um projeto de vida que incorpore a experiência sofrida sem negar sua profundidade. Esse processo exige tempo, apoio e espaços terapêuticos que acolham a singularidade de cada trajetória. Nesse sentido, a clínica humanista constitui-se como um espaço de acolhimento, no qual a empatia, a autenticidade e a aceitação incondicional favorecem a reconstrução de sentido. Ao reconhecer a singularidade de cada experiência e confiar na tendência atualizante da pessoa, a abordagem humanista comprehende a dor não como ruptura definitiva, mas como parte do processo de vir-a-ser (ROGERS CR, 2017). Dessa forma, a prevenção deve focar em promover relações genuínas que fortaleçam a capacidade criativa do indivíduo e sua abertura para novos modos de existir.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, exploratória e

descritiva. A abordagem qualitativa permite compreender o fenômeno do suicídio em sua dimensão subjetiva, valorizando a experiência vivida e as interpretações possíveis do material analisado. O caráter exploratório decorre da intenção de ampliar o conhecimento sobre a temática por meio de um recorte cinematográfico. O caráter descritivo está relacionado ao detalhamento das cenas e dos diálogos, buscando evidenciar elementos relevantes para a análise psicológica (LÖSCH S, et al., 2023 e MARTINS HHTS, 2004).

Nesse sentido, a técnica utilizada foi a análise fílmica, que permite examinar aspectos narrativos, estéticos e simbólicos presentes na obra “O Porco Espinho” (LEITE NRP, et al., 2021). Essa escolha está baseada no potencial do cinema como recurso para compreender fenômenos humanos, especialmente os ligados à saúde mental. A análise foi conduzida à luz das categorias teóricas da ACP de Carl Rogers, permitindo relacionar o enredo e as interações das personagens com conceitos como compreensão empática, consideração positiva incondicional, congruência e tendência atualizante.

O processo de análise foi dividido em três etapas principais: a) seleção de cenas; b) descrição detalhada das cenas e c) interpretação baseada nos conceitos rogerianos. A primeira etapa consistiu na seleção de cenas relevantes, conforme exposto no Quadro 1, com base na presença de elementos relacionados ao tema do suicídio, ao sofrimento psíquico e às relações interpessoais. Essa seleção foi realizada por meio da revisão integral da obra, com anotações dos trechos que continham diálogos, expressões e situações significativas para a compreensão do fenômeno e sua relação com a ACP (LEITE NRP, et al., 2021). Assim sendo, serão priorizados momentos em que a narrativa explore conflitos internos e vínculos afetivos.

A segunda etapa correspondeu à descrição detalhada das cenas selecionadas para conter o contexto narrativo, o comportamento das personagens, os elementos visuais e sonoros e as reações emocionais observadas. Com esse método, pretendeu-se registrar o máximo de informações que contribuíssem para a interpretação posterior. Dessa forma, a sistematização busca garantir que a análise preserve a fidelidade ao material original e permita que outros pesquisadores compreendam a base empírica utilizada (LEITE NRP, et al., 2021).

A terceira etapa consistiu na interpretação das cenas à luz dos conceitos rogerianos. Portanto, cada trecho descrito foi analisado com base nas condições facilitadoras propostas por Rogers e na concepção de tendência atualizante, visando compreender como essas dimensões aparecem ou são negligenciadas na narrativa. Nessa perspectiva, a interpretação também dialogou com a literatura científica sobre suicídio e ACP, visando integrar teoria e prática em

uma leitura crítica (LEITE NRP, et al., 2021). Visou-se, dessa forma, discutir as implicações clínicas e preventivas por meio da análise cinematográfica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente seção de Resultados e Discussões apresenta a análise das cenas selecionadas do filme *O Porco Espinho* (2009) (tabela 1). Desse modo, buscando destacar como os elementos narrativos e relacionais observados ao longo da obra contribuem para a compreensão do percurso da protagonista. Com base no recorte realizado, examinamos os principais movimentos da narrativa e suas implicações para os temas centrais deste estudo, articulando-os com a fundamentação teórica utilizada na pesquisa.

Tabela 1 - Mapeamento das cenas por tempo de duração na obra cinematográfica *O Porco Espinho* (2009).

Cenas	Tempo (hh:mm:ss)	Descrição
Cena 1	00:01:16 a 00:02:25	Paloma se apresenta por meio de gravações feitas com sua câmera caseira.
Cena 2	00:02:56 a 00:03:50	Café da manhã em família: Paloma, seu pai, sua mãe e sua irmã.
Cena 3	00:07:26 a 00:09:20	Observação discreta da zeladora do prédio, Renée.
Cena 4	00:12:35 a 00:13:40	Paloma tenta conversar com sua irmã mais velha, mas é recebida com desprezo e desdém.
Cena 5	00:11:03 a 00:12:05	Rotina cotidiana de Renée dentro do apartamento
Cena 6	00:21:24 a 00:22:17	A chegada do novo vizinho, Kakuro Ozu.
Cena 7	00:48:33 a 00:50:33	Almoço compartilhado entre Renée e Kakuro.
Cena 8	00:56:15 a 00:59:14	Paloma desabafa sobre seus medos e pensamentos a respeito da vida e da morte com Renée.
Cena 9	01:19:20 a 01:19:50 01:21:03 a 01:23:23	Renée e Kakuro realizam um passeio juntos.
Cena 10	01:13:09 a 01:14:20	A relação de confiança entre Paloma e Renée.
Cena 11	01:26:42 a 01:27:00	Acidente de Renée.
Cena 12	01:29:50 a 01:30:256	Paloma reflete sobre a morte de Renée e a importância dos laços que construiu.

Fonte: BARON MD, et al., 2025; dados extraídos de *O Porco Espinho* (2009).

No início do filme, Paloma se apresenta por meio de gravações feitas com sua câmera caseira (cena 1). Ela compartilha a sua visão de mundo, marcada pelo pessimismo e pela falta de esperança, e revela sua decisão de cometer suicídio aos 12 anos. O tom de desencanto, aliado à forma fria com que fala sobre a vida, aliado à frieza de suas palavras, evidencia seu sofrimento psíquico e o tema central da narrativa. Em seguida, durante o café da manhã em família, Paloma aparece ao lado da mãe, do pai e da irmã (cena 2). As conversas são superficiais e giram em torno de aparências e status social. A jovem observa a cena com ironia e sarcasmo, deixando claro o distanciamento afetivo que sente em relação à própria família, especialmente pela falta de empatia e acolhimento.

Na escola, Paloma demonstra o mesmo desinteresse. Embora seja inteligente, ela esconde suas capacidades e se mantém distante da socialização. Seus olhares e expressões denotam tédio e isolamento, reforçando a ideia de que ela não encontra sentido nem pertencimento em sua rotina escolar. Em seguida, a menina começa a observar discretamente a zeladora do prédio, Renée (cena 3). Por meio da câmera, ela registra a vida reclusa e silenciosa de Renée, percebendo que há algo de autêntico em sua forma de existir, apesar da tentativa desta de se manter invisível aos olhos dos moradores.

Em outra cena, Paloma tenta conversar com sua irmã mais velha, mas é recebida com desprezo e desdém (cena 4). A irmã a trata com indiferença, e Paloma responde com sarcasmo, reforçando ainda mais a sensação de solidão e incompreensão no ambiente familiar. Renée, por sua vez, é mostrada em sua rotina cotidiana dentro do apartamento (cena 5). Apesar da simplicidade do espaço, há um ambiente de introspecção e cuidado, e os livros em destaque sugerem uma vida interior rica e complexa, contrastando com a fachada de invisibilidade que ela assume no prédio.

A primeira conversa direta entre Paloma e Renée marca um ponto de virada. Embora tímido e breve, o diálogo está carregado de curiosidade e simpatia, evidenciando o início de um vínculo que será fundamental para as duas ao longo da narrativa. A chegada do novo vizinho, Kakuro Ozu, também altera a dinâmica do enredo (cena 6). Ele se apresenta como um homem sofisticado, educado e sensível e logo estabelece laços de simpatia com Paloma e Renée, tornando-se uma figura importante de acolhimento.

Em um almoço compartilhado entre Renée e Kakuro, a intimidade e a delicadeza se destacam (cena 7). A conversa flui de maneira respeitosa e Renée se permite revelar aspectos mais profundos de si, encontrando nele alguém que a ouve com genuíno interesse e empatia.

Paloma, fortalecendo a confiança de Renée, passa a visitá-la com mais frequência. Em uma dessas ocasiões, ela desabafa sobre seus medos e pensamentos a respeito da vida e da morte (cena 8). Renée, por sua vez, a ouve com atenção e empatia, oferecendo um espaço de acolhimento que contrasta com a frieza de sua família.

Em outra cena, Renée e Kakuro aparecem juntos durante um passeio (cena 9). Os olhares e gestos trocados entre eles evidenciam cumplicidade e afeto, revelando uma faceta de leveza e abertura para a vida que, até então, Renée escondia. Paloma, em um de seus momentos de reflexão diante da câmera, volta a questionar se a morte seria realmente uma saída ou apenas uma forma de fuga. O tom introspectivo e a dúvida expressa por ela apontam para o conflito interno que marca sua trajetória.

A relação de confiança entre Paloma e Renée se aprofunda em uma conversa significativa (cena 10). A menina compartilha seus pensamentos suicidas com mais intensidade, enquanto Renée se mostra presente e autêntica, incentivando-a a olhar a vida sob uma nova perspectiva. Esse momento revela o potencial transformador dos vínculos humanos. De forma inesperada, Renée sofre um acidente ao ser atropelada na rua (cena 11). A cena impacta tanto Paloma quanto Kakuro, que vivenciam intensamente a dor da perda. Essa reviravolta abrupta evidencia a fragilidade da existência e o peso do luto. No final, Paloma reflete sobre a morte de Renée e sobre a importância dos laços que construiu com ela e com Kakuro (cena 12). A experiência de vínculo e acolhimento faz com que ela ressignifique sua visão de mundo, levando-a a desistir do suicídio e a reconhecer um novo sentido para a vida.

As primeiras cenas, nas quais Paloma se apresenta com ironia e declara sua decisão de se suicidar aos 12 anos, revelam um profundo vazio existencial. Isto é, a fala fria e o pessimismo evidenciam a ausência de significado, aspecto frequentemente associado à crise suicida, segundo Ribeiro IS (2023). Além disso, Rogers CR (2017) aponta que, em contextos de desesperança, o indivíduo pode perder contato com sua tendência atualizante e não perceber possibilidades de crescimento. Isso remete ao “aniquilamento existencial” descrito por Rocha MAS et al. (2012), no qual a vida perde o sentido e o sujeito rompe sua conexão com o mundo.

Além disso, a câmera de Paloma pode ser caracterizada como um instrumento expressivo e reflexivo. O ato de filmar permite que ela observe a si mesma e o outro, funcionando como recurso de construção de sentido. Como aponta Rogers CR (2017), a importância da expressão autêntica. Nesse caso, a câmera permite que Paloma externalize sentimentos que não consegue verbalizar com a família, criando um espaço seguro de observação de si mesma e do mundo.

No que tange ao ambiente familiar superficial e centrado em aparências, percebe-se que ele reforça a falta de acolhimento, sendo permeado por conversas marcadas pelo distanciamento afetivo. Essas conversas ilustram a ausência de consideração positiva incondicional, condição essencial para que o ser humano se perceba valorizado (ROGERS CR, 1977). Dessa forma, a rejeição da irmã e a indiferença parental ampliam o isolamento de Paloma, evidenciando a ausência de empatia em seus vínculos mais próximos. Nesse cenário, Fonseca EFM e Lôbo WL (2015) ressaltam que a falta de validação familiar intensifica o risco de suicídio, pois priva o sujeito de um suporte emocional fundamental.

Nesse contexto, a aproximação de Paloma com Renée representa o início de um espaço de empatia e autenticidade, conforme defende Rogers. Apesar de sua postura reclusa, a zeladora demonstra escuta e disponibilidade genuínas. Rogers CR (2001) destaca, ainda, que a congruência e a autenticidade do psicoterapeuta (ou de qualquer pessoa significativa) favorecem a confiança e a abertura do cliente. Dessa forma, Renée atua como uma presença facilitadora, permitindo que Paloma expresse seus medos e encontre o acolhimento que não tinha em sua família. Ademais, a experiência mostra como a relação pode atuar como fator de proteção diante do sofrimento suicida.

A chegada de Kakuro Ozu intensifica essa rede de vínculos humanizados. Sua postura respeitosa e empática cria condições para que Renée se mostre mais aberta e para que Paloma encontre novos referenciais de afeto. Nesse sentido, Cruz CA et al. (2020) afirmam que a criação de ambientes de aceitação e escuta possibilita a reconstrução de sentidos e reduz a percepção de isolamento. O almoço compartilhado, marcado pela delicadeza, reflete a experiência da consideração positiva incondicional, na qual os indivíduos se percebem valorizados sem julgamentos, fortalecendo a ressignificação de suas próprias trajetórias.

Nesse viés, vale destacar que, segundo Frankl VE (2015), a falta de significado existencial é uma das principais causas do sofrimento contemporâneo. No filme *O Porco Espinho* (2009), a personagem Paloma ilustra essa dimensão, ao planejar o fim do próprio suicídio como resposta a um vazio subjetivo. Sua transformação de visão de mundo ao estabelecer novos vínculos remete ao papel da relação humana como promotora de ressignificação, um conceito central na ACP (FONSECA EFM e LÔBO WL, 2015).

O ápice da narrativa ocorre quando Paloma expõe, de maneira explícita, suas ideias suicidas a Renée, que responde com presença autêntica e escuta empática. Dessa forma, são exemplificadas as condições facilitadoras descritas por Rogers CR (2017), capazes de

transformar crises em oportunidades de crescimento. A perda repentina de Renée, contudo, evidencia a fragilidade da existência e a dor do luto (PAIDOUSSIS-MITCHELL C, 2025). A decisão final de Paloma de desistir do suicídio e reconhecer o valor dos vínculos confirma a perspectiva humanista de que o encontro genuíno pode devolver ao indivíduo o sentido de viver (FRANKL VE, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas alcançaram o objetivo geral do estudo, que foi analisar como o suicídio é representado no filme *O Porco Espinho* e identificar, segundo a Abordagem Centrada na Pessoa, os fatores subjetivos que permeiam essa temática. Os resultados evidenciaram os aspectos centrais dessa abordagem, como a compreensão empática, a aceitação positiva incondicional e a congruência. Esses aspectos aparecem na narrativa como elementos capazes de favorecer a ressignificação da experiência subjetiva e de atuar como fatores protetivos diante do risco suicida. Assim sendo, confirma-se que os vínculos autênticos estabelecidos por Paloma com Renée e Kakuro contribuem para a mudança de sua percepção de valor pessoal e para a desistência do suicídio, respondendo diretamente às questões propostas na pesquisa.

Quanto aos objetivos específicos, foi possível identificar elementos filmicos relacionados aos conceitos rogerianos, refletir sobre o papel do vínculo e da empatia no processo de prevenção e demonstrar como o cinema pode atuar como ferramenta de ensino-aprendizagem e reflexiva na psicologia. Dessa forma, os objetivos foram alcançados de maneira satisfatória, reafirmando a contribuição da análise filmica como recurso de sensibilização e aprofundamento teórico.

Como contribuição principal, o estudo evidencia que a articulação entre a Psicologia Humanista e as produções cinematográficas amplia a compreensão do sofrimento suicida, oferecendo subsídios para práticas mais humanizadas nos campos clínico e acadêmico. A análise demonstrou que a representação artística tem o poder de tornar temas complexos mais acessíveis, estimulando discussões éticas sobre acolhimento e cuidado.

Entre os pontos fortes do trabalho, destacam-se o uso da ACP como lente teórica consistente e coerente e a escolha de uma obra cinematográfica que retrata de maneira sensível o fenômeno analisado. No entanto, reconhece-se como limitação a ausência de múltiplas fontes empíricas, dado que a investigação se restringiu a uma única narrativa filmica. Também se aponta que a subjetividade inerente à análise qualitativa pode limitar a generalização dos

achados.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras ampliem o *corpus* de análise para outras obras cinematográficas, relacionem diferentes abordagens teóricas da psicologia ou investiguem, de forma comparativa, como os espectadores compreendem o tema do suicídio após entrarem em contato com representações artísticas. Esses estudos podem aprofundar e diversificar o debate, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de prevenção alinhadas a perspectivas humanistas e culturais.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Suicídio: informando para prevenir. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2014.

CRUZ CA, et al. O suicídio na perspectiva das psicologias humanista, fenomenológica e existencial: revisão sistemática e metassíntese. *Contextos Clínicos*, 2020; 13(1): 293-309.

FONSECA EFM, LÔBO WL. Tentativa de suicídio: reflexões com base na clínica centrada na pessoa. *Revista Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 2015; 7(2): 152-165.

FRANKL VE. O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015.

FUKUMITSU KO. Suicídio e luto: histórias de pessoas enlutadas por suicídio. Campinas: Livro Pleno, 2014.

LEITE NRP et al. Film Analysis in Management Research: Knowing Why and How to Use It. *Gestão & Regionalidade*, 2021; 37(112): 337-350.

LÖSCH S et al. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 2023; 18.

MARTINS HHTS. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 2004; 30(2): 289-300.

MAY R. *Psicologia Existencial*. 5. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

O PORCO ESPINHO. Direção: Mona Achache. Produção: Les Films des Tournelles; Eagle Pictures; France 2 Cinéma. França/Itália, 2009. Distribuído por NeoClassics Films (EUA), cor., Dolby Digital.

PAIDOUSSIS-MITCHELL C. A dor da ausência: um guia para abraçar o luto e se recuperar de uma perda. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2025.

PONTE CRS. Reflexões sobre a angústia em Rollo May. *Revista Nufen*, 2013; 5(1): 57-63.

RIBEIRO IS. O analista é suficientemente bom na clínica com pacientes que apresentam risco de suicídio. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2023.

ROCHA MAS, et al. A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. Revista da Abordagem Gestáltica, 2012; 18(1): 69-78.

ROGERS CR. Um jeito de ser. São Paulo: EPU, 1977.

ROGERS CR. Terapia centrada en el cliente. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROGERS CR. Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL (SES/DF). Manual de orientações para o atendimento à pessoa em risco de suicídio. Brasília: SES/DF, 2021.